

OUTRAS PALAVRAS E COISAS: FOUCAULT E A BUSCA DE SENTIDO

AJ Gröschel¹

UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brazil. (2009).

Resumo: Este trabalho tem como objetivo examinar a obra *As Palavras e as Coisas*, do filósofo francês Michel Foucault. Buscaremos destacar esta nova fase de seus estudos que se concentram em descrever uma arqueologia do saber, que repousa sobre uma pesada crítica ao modo de se pensar da modernidade. A centralidade do homem é uma destas características modernas e ele discorre sobre três áreas relativas ao homem em especial: o trabalho, a linguagem e a vida. As atenções do século XIX se voltam ao estudo de novos objetos, dando origem a novos saberes e novas ciências. Em mais uma de suas genealogias, Foucault Analisa as camadas dos conhecimentos que foram construídos desde a Renascença, passando pela era Clássica e findando seu estudo na Modernidade.

Palavras-chave: Epistemologia. Arqueologia do Saber. Michel Foucault. Cognição. Conhecimento.

¹ Mestrando em Filosofia pelo IFCH/UNICAMP, Mestrando em Teologia pelo UNASP-EC, Pós-graduado em Métodos de Ensino, Graduado em Filosofia (UFPR/UNISINOS), Teologia (UNASP-EC) e Letras (UNASP-EC/UNISINOS).

I. INTRODUÇÃO

A grande contribuição que se torna evidente logo em uma primeira leitura da obra de Foucault é a tentativa do autor de criticar os pressupostos do pensamento moderno. Ele ataca o antropocentrismo radical que caracteriza o pensamento moderno. Inclusive o título da obra em inglês reflete um pouco desta intenção: “A Ordem das Coisas”, que teria sido a intenção inicial de Foucault. Ele abre a possibilidade de outras formas possíveis de se pensar, não apenas antropocentricamente.

As áreas de estudo a que ele se dedica são a vida, o trabalho e a linguagem. Nestes campos de estudo ele verifica o fenômeno do surgimento de novos campos de estudo científicos, especialmente nas ciências humanas, o que passa a dar centralidade ao homem e à sua representação.

O autor emprega métodos estruturalistas (quando se busca analisar um determinado campo de estudo como um sistema que se mostra interligado em suas partes) para criticar as pretensões científicas das ciências humanas. A forma como tal ciência tratava do homem a seu tempo parecia ser por demais superficial e limitada, uma invenção do modernismo, que não mais cabia no cenário posterior às duas grandes guerras.

Por outro lado, quanto ao estudo das coisas, ou do objeto, Foucault passa a examinar a experiência da ordem. Que fator há de comum aos saberes relativos ao homem? Quais os princípios ordenadores do saber? Foucault afirma que a ordem não é apenas um conceito, mas uma experiência. Temos, portanto, uma percepção de ordem.

A ordem aparece como elemento intermediário, ora por parecer ser pertinente aos seres, ora por se mostrarem anteriores a eles.

Em seu prefácio Foucault chega a mencionar o caso de pessoas que haviam perdido a capacidade de lidar com a linguagem e que seu senso de ordenamento acabava sendo afetado também. A relação bem próxima entre a fala, o espaço e a ordem é reiterada.

A relatividade do discurso científico, sua dependência temática e metodológica do contexto histórico e social pareceu-nos estar na centralidade da análise desta obra.

II. EM OUTRAS PALAVRAS

Nas palavras de Candiotta (2009) diríamos inicialmente que

“A análise proposta por Michel Foucault em *As palavras e as coisas* aponta os limites de qualquer antropologia assentada na unidade e universalidade de uma suposta natureza humana. Na perspectiva arqueológica, a figura do homem é uma invenção moderna ambígua e preste a desaparecer, marcada pelo recuo da origem, pela sombra do não-pensamento e pela finitude fundamental. A instabilidade do homem, como objeto das ciências humanas e sujeito das filosofias, demonstra o terreno movediço no qual estas se movem.” (CANDIOTTO, p. 1).

É neste exato sentido que se inicia o capítulo *Las Meninas*, com a descrição do homem em um quadro, da figuras de outros semelhantes, na sombra, limitando nas tintas de um quadro (*Las Meninas*, iluminura de Diego Velásquez, de 1656).

Neste capítulo ocorre o estudo da experiência de uma ordem fundamental. Esta ordem tem seu cerne na busca por uma sistematização que vise relacionar os saberes e não fragmentá-los.

Ele quer entender o que forma o quadro. Quais os princípios ordenadores que os saberes possuem de comum entre si. Isto implica em indagar que o sistema de ordem dos saberes pudesse ser superior ao sujeito que o pensa.

O estudo do ser da linguagem parece-nos outro centro das discussões. Ele começa analisando historicamente as similitudes como fio condutor no saber ocidental.

A semelhança era a base da construção dos saberes no século XVI. Algo que logo mudaria. As quatro semelhanças do período citado são estudadas, a saber, a *conviventia*, *aemulatio*, *analogia* e *simpatia*.

Foucault resume dizendo que elas “nos dizem de que modo deve se dobrar sobre si mesmo, se duplicar...assemelhar-se.” (Foucault, p. 28).

No entanto a semelhança depende da assinalação, da demarcação. O conceito de *epistémé* aparece aqui e merece um dos maiores destaques de toda a obra.

Para Chauí o conceito de *episteme*, central em nossa discussão, é

“como uma estrutura de conhecimentos determinada por uma rede de conceitos que são os instrumentos com os quais, numa dada época, os pensadores investigam e interpretam a realidade. Uma episteme é um conjunto de enunciados ou de discursos baseados num certo instrumento conceitual que organiza a linguagem e o pensamento e lhes dá o sentimento de que as palavras correspondem às coisas. Ela exprime o saber de uma época.” (CHAUÍ).

Temos em Revel outra boa definição, sendo a *episteme* um

“conjunto de relações que liga tipos de discurso e que corresponde a uma dada época histórica (...) As idéias vinculadas por um indivíduo só podem ser captadas quando referidas ao conjunto de pensamentos possíveis a uma época”. (REVEL)

O assunto parece aqui se deslocar mais para uma análise de condições, de possibilidades de ser do que a apresentação de uma nova ontologia.

III. UMA NOVA ONTOLOGIA

Em seu prefácio Foucault define bem a linha mestra de sua genealogia quando afirma que o motivo do livro se deu pela leitura de um texto de Borges.

"Este texto de Borges fez-me rir durante muito tempo, não sem um verdadeiro mal-estar difícil de vencer. Talvez porque depois vinha a suspeita de que existe uma desordem pior do que a do incongruente e da aproximação do que não concorda entre si: a desordem que faz cintilar os fragmentos de um grande número de ordens possíveis na dimensão, sem lei nem geometria, do heteróclito: e importa entender esta palavra no sentido mais próximo da etimologia: as coisas apresentam-se nessa série "deitadas", "colocadas", "dispostas" em sítios a tal ponto diferentes que se torna impossível encontrar para elas um espaço acolhedor, definir, sob umas e outras, um lugar comum a todas." (FOUCAULT, p. 6)

Há grande importância para o autor na questão da análise dos mecanismos que estabelecem a ordem dos saberes. Da desordem, diz ele, surge uma ordem possível. Esta ordem parece se referir aos critérios que organizam os saberes, como diria Guazzelli,

"A ordem não é um puro conceito. Há uma experiência, uma percepção da ordem. Foucault afirma que há uma "experiência nua" da ordem. Ela é sentida como tal, como algo imperioso ao qual todos devem submeter-se. Impõe-se a qualquer movimento reflexivo e crítico assim como se impõe, em uma primeira instância, à realidade empírica. Foucault não utiliza a palavra evidência nem intuição. Prefere o termo a priori histórico à semelhança de Kant. Trata-se de uma análise sobre as condições de possibilidade dos saberes e não sobre o ser em geral". (Guazzelli)

Em *As Palavras e as Coisas* Foucault demonstra existir uma mudança de um a outro modo de pensar, ou ainda em seus termos, de uma a outra “formações discursivas”.

Outra forma de se colocar o mesmo fato seria no estudo da transição da *episteme* clássica para a moderna. Primeiro com Descartes, onde o pensamento era a própria linguagem e em segundo lugar com a rejeição e a separação da linguagem do pensamento – uma postura “científica”.

A retomada de dois grandes nomes da história feita pelo estudo arqueológico das ciências humanas, Nietzsche e Mallarmé, um da filosofia e a outra da literatura, faz surgir sua conclusão de que só após as contribuições destes pensadores a linguagem acaba entrando no campo do pensamento.

IV. Conclusão

Ao relacionar a palavra com o próprio sujeito – a palavra é quem fala – Nietzsche eleva o valor da linguagem, e também o valor da palavra como arcabouço da própria realidade.

Este retorno do valor da linguagem não se dá meramente por um pretense regresso a uma episteme clássica. É uma nova contribuição, puramente moderna, onde se firma o saber antropológico na verdade do objeto, na verdade do discurso.

A proposta é de reavaliação do campo das ciências humanas, questionando os saberes estabelecidos a respeito do homem e depois indagar a validade das verdades formuladas sobre ele.

As mudanças nas condições dos discursos ocorreram de tempo em tempo, de uma concepção epistêmica a outra.

BIBLIOGRAFIA

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1966.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2003.

AUDI, Robert, ed. *The Cambridge Dictionary of Philosophy*. New York: Cambridge University Press, 1999.

ARANHA, Maria L. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Ed. Moderna, 1993.

GUIRALDELLI, Paulo Jr. *O Conceito de Filosofia*. São Paulo: Unesp Editora, 1999.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3.ed.rev. E ampliada. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.